

Diferentes formas do silêncio na psicoterapia de grupo¹

Different forms of silence in group psychotherapy

Anna Kattrin Kemper

O silêncio, considerado na análise individual como importante meio de comunicação não verbal, também encontra na grupoterapia de orientação analítica amplas possibilidades de manifestação expressiva. Sabemos que os agrupamentos humanos favorecem tanto a verbalização, quanto o silêncio. No grupo terapêutico – e especialmente em função de suas intensas e contagiantes atmosferas emocionais – são observáveis diferentes formas de silêncio, condicionadas seja pela larga faixa de reações angustiosas e defensivas, seja pela negação drástica ou pela concordância e comoção.

Na grupoterapia, ao silêncio correspondem, via de regra, vivências afetivas importantes; e este fato lhe confere um valor especial no processo terapêutico do grupo. Pode ocorrer, entretanto, que o silêncio se ponha a serviço de uma deliberada postura intelectualizadora defensiva, destinada a censurar as emoções. Nesse caso, terá ele uma qualidade diferente das outras espécies de silêncio expressivo.

Existem várias formas de silêncio na grupoterapia. Há um silêncio angustioso, que se manifesta especialmente no início do trabalho terapêutico. Através dele se exprime expectativa de cada um no sentido de que os outros falem.

O silêncio angustioso corresponde, prevalentemente, a um tipo de vivência dos participantes do grupo que poderia ser assim caracterizado: “se eu falar, para onde me poderá levar o movimento coletivo?” Trata-se de uma forma defensiva de reação ansiosa, destinada a impedir que se intensifique a angústia já existente. Exemplo: na primeira sessão de um grupo, um dos participantes atrasou-se dez minutos. Até seu aparecimento, o grupo tentara relacionar-se através de uma pura conversa social, defesa típica no início, evitando os temas capazes de suscitar ansiedade. A interpretação dessa defesa foi rejeitada pelo grupo. Ao dar o

1. 1970.

elemento retardatário notícia de si, o grupo, que dele não tinha conhecimento, reagiu à inesperada batida na porta com um silêncio angustioso. Com a entrada do “intruso”, esse silêncio modificou-se pela identificação projetiva de alguns membros do grupo com o recém-chegado. Perguntaram-lhe por que tinha tanto medo e porque se conservava tão silencioso.

O silêncio depressivo – O desânimo e a conseqüente indisposição para comunicar-se – constitui na grupoterapia um fenômeno frequente e de muita importância, capaz de influir de maneira sensível sobre o funcionamento grupal. Não é raro que o dinamismo do grupo possa vir a ser ameaçado pela disposição depressiva da maioria de seus membros, surgindo aí o perigo de estagnação. Se o terapeuta percebe que o silêncio depressivo ameaça a comunicação coletiva e não chega a conseguir, com a colaboração de alguns participantes, uma certa dinamização, podem estabelecer-se situações de tal maneira tensas que um ou mais componentes do grupo não as suporte, e abandone a terapêutica. Exemplo: Num grupo já adiantado, faleceu um parente de um de seus membros, vítima de doença incurável. O morto tinha para esse participante um significado paterno. O grupo, num processo de identificação coletiva, reagiu como se o doente fosse parente ou parte de cada um. Durante a doença, eram frequentes os pedidos de notícias e ficava claro o desvelo com que o grupo acompanhava os acontecimentos. Ao ser comunicado o falecimento do enfermo, o grupo, em parte ambivalente a princípio, entrou logo a seguir num silêncio depressivo de tal forma intenso que a própria terapeuta foi tratada como se não mais existisse. O silêncio do grupo exprimia não apenas a angústia de perda do objeto, mas também, uma tendência a responsabilizar a terapeuta mãe pela morte do pai, conforme transpareceu das comunicações verbais feitas na sessão. Houve, por exemplo, queixas de que os laços familiares, principalmente com as figuras femininas, eram fracos e insuficientes, e de que “não existia no grupo uma atmosfera de paz”. A superação do clima de estagnação em que mergulhara o grupo foi conseguida pelo esforço de verbalização de um de seus participantes que, funcionando como ego auxiliar, pôde romper a opressão do silêncio depressivo. A possibilidade de comunicação verbal foi vivenciada com alívio pelo grupo, e este fato parece indicar que, em determinados momentos, o silêncio pode simbolizar algo de mortalmente perigoso, cuja presença precisa ser dominada pelo contato verbal.

Se ao silêncio depressivo corresponde uma forma oscilante de negação, em virtude da ambivalência característica dos estados depressivos, ao silêncio negativista ou de caráter autístico está ligado um tipo mais drástico de negação, capaz de ameaçar seriamente a função dinâmica do grupo, se prolongado

por algum tempo. Esta espécie de negação, que poderíamos chamar esquizoide, em contraposição ao primeiro tipo, de características depressivas, costuma manifestar-se não só através do silêncio como também pela intelectualização errônea. Um exemplo deste fenômeno pôde ser por nós observado no grupo ao qual há pouco fizemos alusão. Dois de seus participantes, excepcionalmente bem-dotados de capacidade intelectual e verbal, conseguiram, num certo período, liderar o grupo, de maneira alternada e concomitante.

Essa liderança, dando ênfase extrema à defesa intelectualizadora, pretendia impedir que o grupo fosse mobilizado em sua dimensão emocional. As interpretações nesse sentido, mostrando de que maneira a intelectualização defensiva empobrecia a convivência grupal, levaram os dois líderes a uma atitude silenciosa de caráter narcísico. A reação defensiva desses participantes, expressa seja através da intelectualização, seja através do silêncio, prejudicou seriamente o movimento evolutivo do grupo. O esforço interpretativo concentrado na atitude dos dois líderes, bem como nos padrões de submissão, inibição e angústia dos demais participantes do grupo, resultou afinal num intenso movimento de revolta contra os líderes negativos. Essa revolta, mantendo-se em pauta durante dois meses, alcançou tal intensidade que os líderes agredidos a ela não puderam resistir, abandonando o grupo um após outro, num espaço de quatro semanas. A saída deles permitiu ao grupo um desenvolvimento recuperador.

O silêncio hostil – de certa forma uma variante do silêncio de negação – mostra-se, no entanto, menos prejudicial do que este ao desenvolvimento progressivo do grupo. Esse tipo de silêncio na grupoterapia parece servir melhor às reações individuais, sendo restrita a sua possibilidade de influenciar a função grupal. Exemplo: um elemento de um grupo, através do silêncio hostil, exprimia a sua raiva contra alguns dos participantes que lhe despertaram ciúmes particularmente intensos. Interpretações no sentido do silêncio hostil, encontraram protestos firmes. O material subsequente demonstrou que tais protestos não eram defensivos, uma vez que os demais membros do grupo nada tinham a ver, naquele momento, com o silêncio hostil do companheiro enciumado. Adotando a concepção de que as reações agressivas, apesar de seu caráter hostil, buscam contato – a palavra agredir vem de “ad. gredi”, étimo latino que significa acercar-se de – julgamos que o silêncio hostil se mostra menos pernicioso para a convivência grupal do que o puro e frio silêncio de negação.

Uma forma de silêncio conhecida no campo da psicologia coletiva como “a calma que precede a tempestade” pode também ser observada na grupoterapia. Nós a designamos como o silêncio antes da erupção. Este silêncio se

manifesta em geral em situações grupais especialmente tensas e, pode antecipar a expressão eruptiva de emoções violentas. Exemplo: é frequente que as pessoas encabuladas, inibidas ou angustiadas se tornem, no grupo, alvo de constantes agressões, principalmente em virtude de seus limites de comunicação verbal. Tais pessoas desempenham, num certo, sentido, o papel da galinha fraca no galinheiro, atacada por todas as outras aves.

Acontece, porém, que o elemento do grupo constantemente agredido, se não se retira da terapêutica, acaba chegando, em determinado momento, a um ponto de saturação que, manifestando-se especialmente pela agitação psicomotora, busca alívio numa drástica e repentina ruptura do silêncio. É o que ocorreu a um membro de um grupo que, desde o início, em função de suas inibições verbais, foi considerado como “outsider”, passando por isto a servir de “para-raios” para os demais participantes. Nas situações em que o grupo, através da comunicação verbal, buscava integração e contato, as dificuldades da atmosfera emocional eram atribuídas ao prevalentemente silencioso, como se o seu silêncio fosse responsável pelo desentrosamento coletivo. Interpretações dos participantes e da terapeuta no sentido de que os outros falam, e não têm segredos, e de que a palavra era pelo grupo vivenciada como sinal concreto de contato, levaram o “outsider” a romper eruptivamente o seu silêncio tenso, através de uma descarga verbal violenta. Essa conduta, longe de provocar ansiedade no grupo foi ao contrário, vivenciada como alívio. Tal comportamento se repetiu várias vezes e, através dele, modificou-se a atitude do grupo para com o “outsider”. Os demais participantes deixaram de atacá-lo e a ele passaram a dedicar-se, mostrando de maneira evidente a necessidade coletiva de concordância e entendimento.

Se o silêncio de negação corresponde, de certa forma, a um retirar-se, de caráter autístico, o silêncio de expectativa representa o seu oposto. Através dele se exprime uma vontade de encontro que não tem ainda garantias emocionais que lhe permitam sua livre expansão. O silêncio de expectativa se assemelha ao silêncio angustioso do início da psicoterapia de grupo, onde há incertezas e desconfianças intensas mescladas ao desejo de comunicação. A expectativa silenciosa de que o outro verbalize o que está ocorrendo significa não só ansiedade com respeito às comunicações próprias, mas a esperança de que, desse outro, venha qualquer coisa de bom. A modificação, no grupo, do silêncio de expectativa, ligado a demandas de caráter infantil, vai depender em alto grau das atitudes e interpretações do terapeuta. Exemplo: alguns membros de um grupo, diante de comunicações de outros participantes que revelavam uma capacidade corajosa e produtiva de enfrentar graves problemas, mostraram

tendência a reagir pelo silêncio. Este, conforme transpareceu em sessões posteriores, era menos determinado por sentimentos de inveja e ciúme do que por atitudes e expectativas de caráter infantil. As interpretações nesse sentido, ao mesmo tempo que ajudaram o movimento dinâmico do grupo, resultaram numa mudança das atitudes imaturas e infantis, que aos poucos se foram transformando numa participação ativa em comum.

Tanto nas grandes aglomerações de massa quanto no grupo terapêutico, o silêncio afirmativo constitui uma das formas pela qual o indivíduo exprime seu respeito ao mais forte. Às vezes, num organismo coletivo, o silêncio pode representar uma forma de reverência mais eloquente do que qualquer palavra. Exemplo: num grupo, um elemento feminino, ao fim do terceiro ano de participação, adquiriu uma possibilidade extraordinária de falar, de maneira convincente e comovente, sobre o amor incondicional. Quando ela, comentando as comunicações dos outros participantes do grupo, a respeito de decepções e frustrações ligadas à vida amorosa, fazia apelo ao amor verdadeiro e mostrava sua fé nele, conseguia despertar sentimentos profundos e autênticos. Cada vez mais, o grupo reagiu a essas manifestações, expressas em singela linguagem poética, com um silêncio de respeito, que revelava desejo de identificação.

Tanto nas inter-relações coletivas comuns como na grupoterapia podem manifestar-se reações silenciosas de caráter oposto ao silêncio antes da erupção, que podemos chamar o silêncio satisfatório. Nos estados de integração progressiva do grupo, observamos que, depois de comunicações que revelaram desenvolvimento produtivo afirmado pela coletividade, os participantes entram em silêncio satisfatório. A satisfação compartilhada no grupo corresponde tanto a uma vivência momentânea, como possibilita melhor tolerância em relação a sessões em que a frustração predomina. Os membros do grupo reagem com silêncio de caráter satisfatório tanto em relação ao encontro de uma afirmação implícita como em função do aprofundamento das relações vividas no grupo. Por exemplo, uma das participantes de um grupo; já citada em outro trabalho como a “tímida” (1), cada vez que se sentia afirmada e acolhida pelo grupo, reagia não verbalmente, mas com um silêncio cujo caráter satisfatório era marcado pelo aparecimento de um riso correspondente (2).

Dentre as diversas formas de silêncio produtivo o silêncio contemplativo como disposição para o *insight* constitui critério decisivo para o processo de integração. Ficar em silêncio para ouvir contemplativamente o outro para com ele consentir e se identificar, muitas vezes permite uma melhor percepção do foco da vivência coletiva que a participação verbal. O silêncio contemplativo em que o grupo algumas vezes cai quando se sente abalado, emocionado e solidário cor-

responde a uma comunicação não verbal de alta importância. Exemplo: Num grupo adiantado quando as interpretações incitaram de maneira intensa à elaboração de tema em questão, alguns participantes silenciaram. Se nessas ocasiões, apareciam referências ao silêncio, acontecia que uma participante com maior capacidade para a contemplação dizia: “Me deixem imaginar. Não adianta passar por cima”. Esse apelo individual se revelou válido para o coletivo: o grupo, mergulhado no silêncio contemplativo, seguia-a no estímulo especial.

As manifestações de um participante, cujo pseudoautismo, deixava transparecer uma participação clara, mas de natureza pré-consciente e inconsciente, mostraram-nos como na grupoterapia, o silêncio se apresenta em múltiplas e inesperadas formas. Durante o espaço de tempo de 5 anos, este membro foi, no grupo, prevalentemente silencioso. No primeiro ano, não só em razão da acentuada limitação das comunicações verbais, como pelo fato de adormecer por algum tempo durante as sessões, ele dava a impressão de interesse escasso pela convivência grupal. O grupo, que o chamava de “o silencioso”, atacava-o, negando-o, com caçoadas, sem que ele se mostrasse ofendido. Explicava, racionalizando o cansaço que sentia e ao se desculpar, o grupo novamente ironizava no sentido de “coitadinho”. Esse participante firmou sua posição no grupo de maneira crescente pela seguinte capacidade: Repentinamente, como resultado dos ataques diretos ou indiretos contra a sua aparente “ausência”, “acordava” na hora oportuna como revelavam suas verbalizações, passando a participar dos movimentos principais da sessão.

Quando o “silencioso” passou à comunicação verbal, o grupo reagiu numa identificação coletiva animada, fato para o qual também contribuiu a ingenuidade do participante que se mostrava com atitudes correspondentes. Acompanhando as manifestações específicas desse caso, foi-nos mais uma vez possível verificar que o grupo terapêutico, para garantir sua sobrevivência global, sua “*Gestalt*”, necessita da participação de todos os seus elementos.

Na grupoterapia, o silêncio corresponde não só às comunicações não verbais dos participantes como também às do terapeuta. Em virtude da sua função de liderar o grupo através da interpretação do que ocorre, o terapeuta ocupa uma posição prevalentemente ativa. Tal não impede que, em razão de disposições receptivas, (3) ou por outros motivos, especialmente os de caráter contratransferencial, o terapeuta possa reagir com o silêncio. Numa situação grupal em que avulta a ambivalência, o silêncio do terapeuta, intensificando um dos polos da ambivalência, pode contribuir para um estado de tensão insuportável. Aparecem situações nas quais, durante a “discussão” de problemas em comum, os participantes recusam, de maneira intensamente afetiva, as in-

terpretações focalizadas, por exemplo, na rivalidade e na negação. Se o terapeuta fica então silencioso, ele possibilita o desenvolvimento da rebeldia contra as imagens de instâncias maternas e paternas no momento projetadas, além de poder influir no sentido de reações maduras. Quando o terapeuta, observando um movimento grupal de caráter ainda difuso e não claramente compreendido, mantém-se em silêncio, sua atitude de respeito genuíno pode transmitir ao grupo uma atmosfera de aproximação em lugar de uma de perturbação e distanciamento. Nos grupos adiantados, o terapeuta, em determinadas situações, pode reagir silenciosamente com maior despreocupação, porque a maioria dos participantes já se evidenciara capaz de substituí-lo maduramente através de “interpretações do coletivo” (1). No terceiro ano de convívio grupal, com participação da maioria, alguns membros, por identificação e convivência madura, mostraram-se capazes de intervenções de caráter interpretativo. Na medida em que, como terapeuta, silenciámos, foi incrementada mais e mais, como pudemos verificar, a superação dos problemas ligados à dependência infantil (4).

No convívio emotivo do terapeuta com o grupo, seu silêncio pode significar plena participação na vida grupal, fato que contribui para profundas e concordantes emoções. O silêncio do terapeuta planejado ou intuitivamente aplicado – segundo nossas experiências – exerce funções terapêuticas de alto valor (5).

As diversas formas de silêncio aqui tratadas em sumário permitem enriquecimento futuro, quer pelo seu estudo mais aprofundado, quer pela descrição de outras variantes do silêncio. O silêncio, segundo os poetas – representantes da alma coletiva (6) – corresponde a uma categoria expressiva de múltiplos significados, e merece, a nosso ver, na grupoterapia, atenção especial. Na grupoterapia, comunicações não verbais feitas através de silêncios, tanto podem ser traduzidas como um “estar fora” – defesa contra a convivência – como um “estar dentro”, contato e concordância.

Referências

1. KEMPER K. A. - Mecanismos e avaliação da cura em psicoterapia de grupo - Relatório oficial IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo - Porto Alegre, outubro, 1964; Estudos de Psicanálise n. 1, 1969 - Revista de Psiquiatria Dinâmica, Porto Alegre. 1964.
2. KEMPER K. A. - Risos espontâneos como expressão do contato emotivo - Relatório IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo - Porto Alegre, outubro, 1964; *Revista de Psiquiatria Dinâmica*, Porto Alegre. 1964.

3. KEMPER K. A. - L'interpretation par allusion - *Revue Française de Psychoanalyse*, tome XXIX - 65, n.o 1 - *Estudos de Psicanálise* n.o 3, 1970.
4. FAIRBAIM -W. R. *Estudo psicanalitico de Ila personalidad* - Ed. Hormé, Buenos Aires.
5. NACHT S. - La valeur de Ia relation non verbale dans le traitement psychanalytique - *Revue Française de Psychanalyse*, tome XXVII - n.6.
6. FREUD S. - *Psicologia das massas e do Análise do Ego*.